

UM RELATO DAS ENCHENTES DE 2024 NO BAIRRO SARANDI, PORTO ALEGRE

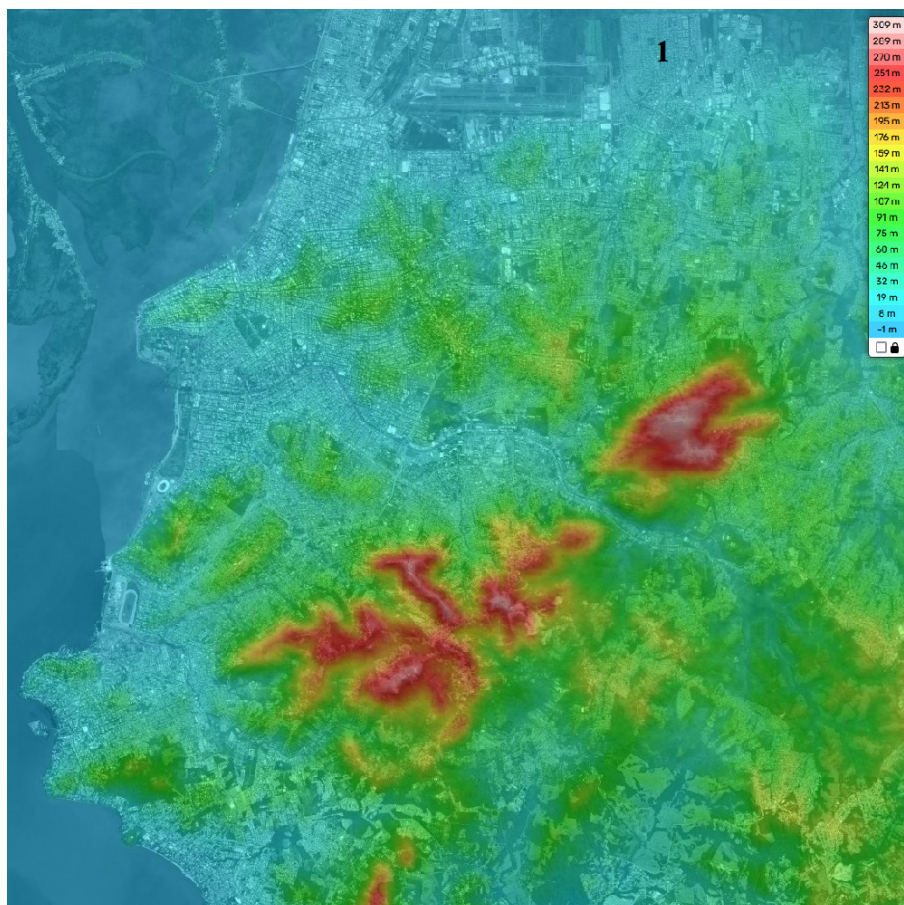
Wagner Feloniuk¹

Este é um relato das enchentes que atingiram o Rio Grande do Sul em maio de 2024, sob a perspectiva de um morador do bairro Sarandi. O caráter de memória é intenso, e as ênfases e comentários refletem a vivência de alguém diretamente afetado pela calamidade. No entanto, o impacto da enchente variou dentro do próprio bairro. Algumas famílias enfrentaram seu terceiro alagamento desde agosto de 2023, com casas submersas até dez metros. Outras vivenciaram sua primeira inundação desde a cheia histórica de 1941, com a água alcançando diferentes alturas, de telhados à altura dos ombros. Em algumas áreas, como na minha casa, o nível da água chegou a aproximadamente 50 centímetros no pior momento. Já no extremo sul do bairro, após a Avenida Assis Brasil, muitas ruas sequer foram atingidas.

O bairro Sarandi, um dos mais populosos de Porto Alegre, abriga cerca de 91 mil habitantes e frequentemente aparece na imprensa como o segundo maior da capital. Criado em 7 de dezembro de 1959, pela Lei nº 2.922/1959, localiza-se na região norte da cidade e, no mapa abaixo, está identificado pelo número 1.

¹ Professor Adjunto de Direito Constitucional (2019) e Professor Permanente no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Doutorado (2013-2016), mestrado (2012-2013), especialização (2011) e graduação (2006-2010) em Direito na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Pós-doutorado na Mediterranean International Centre for Human Rights Research, Università degli Studi Mediterranea di Reggio Calabria/Itália (2021).

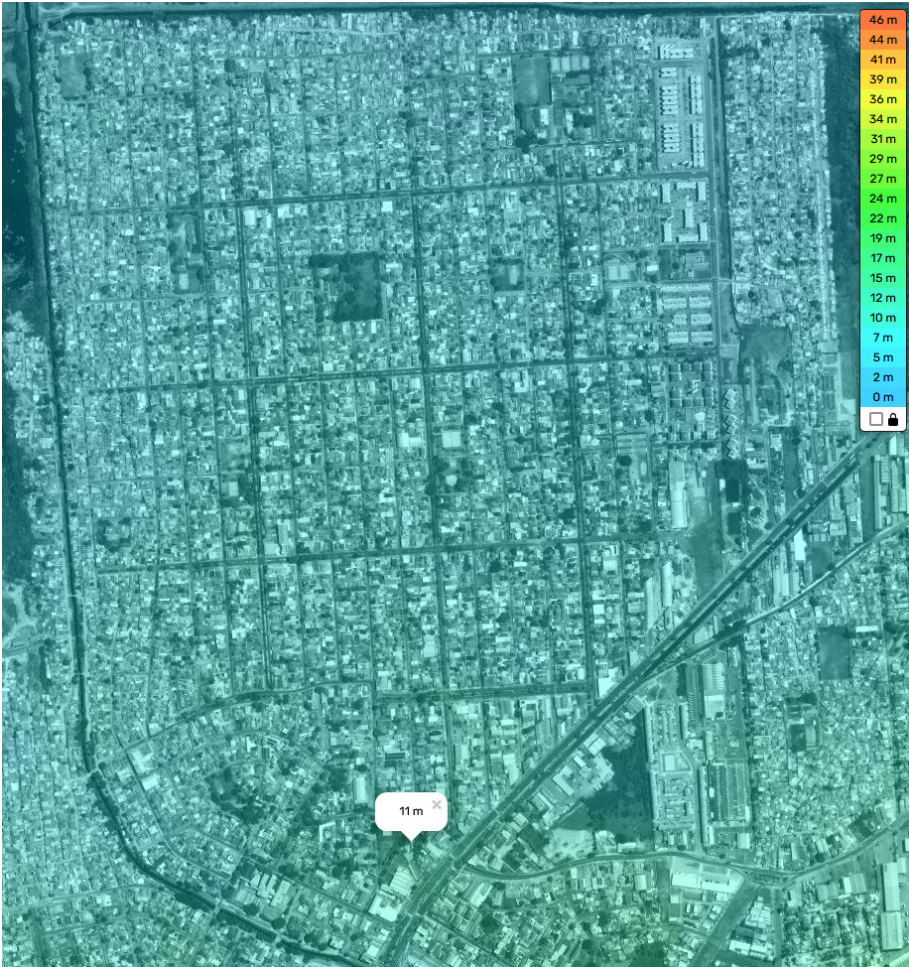
Imagem 1 – Mapa topográfico de Porto Alegre.



Fonte: Topographic-Map. Mapa topográfico Porto Alegre.

Definir o Sarandi como um bairro pobre é um lugar-comum. Embora correto, é também uma simplificação. Desde sua fundação, algumas áreas contam com saneamento adequado e boas condições de infraestrutura, incluindo ruas e imóveis de alto valor. O bairro também abriga um comércio ativo e serviços voltados à indústria. No entanto, há regiões de grande vulnerabilidade social. O mapa abaixo ilustra essa variação interna: ao norte, leste e oeste, predominam moradias menores e desordenadas, em ruas irregulares, onde a desigualdade social se concentra, trazendo consigo desafios como violência, baixa renda, menor expectativa de vida e dificuldades educacionais.

Imagem 2 – Mapa Topográfico do Sarandi.



Fonte: Topographic-Map. Mapa topográfico Porto Alegre.

Minha família paterna veio da Polônia durante o período das guerras mundiais, algum tempo antes da eclosão da Segunda Guerra. Parte permaneceu no país de origem, enquanto outros membros imigraram para os Estados Unidos e para o Brasil. Inicialmente, não se estabeleceram em Porto Alegre. Foi apenas em agosto de 1960, cerca de sete meses após a criação do bairro Sarandi, que adquiriram um lote na região, então em processo inicial de urbanização. Eles não foram os únicos europeus a se fixar ali. Um grande contingente de imigrantes com poucos recursos também escolheu o bairro. Sem recorrer a uma pesquisa formal, apenas, considerando vizinhos e famílias conhecidas há décadas, é possível identificar descendentes de alemães, italianos, ucranianos e russos, que até hoje mantêm suas raízes no local.

A família permaneceu no Sarandi pelos últimos 65 anos, quatro gerações vivendo no mesmo terreno. A primeira moradia foi uma casa de madeira, como tantas outras erguidas pelos descendentes de imigrantes no bairro. Apenas nos primeiros anos do século XXI foi construída uma casa de alvenaria.

Minhas lembranças das enchentes começam em 1º de maio de 2024 (Sul 21, 2024). Tornou-se comum ouvir que não houve alertas sobre a tragédia iminente, que as autoridades já tinham conhecimento, mas, sem certeza absoluta, evitaram um aviso que poderia ser desgastante caso nada acontecesse. Para mim, no entanto, a tragédia começou de outra forma: com uma postagem no Instagram. O vídeo mostrava o governador Eduardo Leite, em tom sóbrio, anunciando que o estado enfrentaria o maior desastre climático de sua história.

A frase me impactou. Perguntei-me como seria interpretada meses depois, sem imaginar que afetaria minha casa diretamente em apenas quatro dias. Suas palavras logo se perderiam, hoje quase esquecidas, mas não eram exageradas. Já havia notícias de chuvas intensas - ao revisar reportagens agora, vejo que os primeiros registros são de 26 de abril, na Fronteira Oeste e na Serra (Agência Brasil, 2024). Naquele momento, porém, essas cheias ainda pareciam distantes do bairro.

A partir do início de maio, a imprensa intensificou a cobertura sobre as tempestades em outras regiões, especialmente na Serra. Especialistas explicavam o volume excepcional de chuva, as condições geográficas do estado e os sistemas de contenção existentes. Ao mesmo tempo, começavam a surgir os primeiros sinais de falhas nesses sistemas. O Sarandi, como mostram os mapas acima, é um bairro de baixa altitude. No entanto, há nuances: a parte mais ao norte está praticamente no nível do Guaíba, enquanto áreas mais ao sul chegam a mais de 11 metros acima do mar. Assim, quando os primeiros alagamentos começaram, atingiram as regiões que já costumavam ser afetadas em chuvas fortes. Isso fez com que os moradores das partes tipicamente não alagadas, que são a maioria do bairro, não se preparassem para a enchente, mesmo quando a água começou a avançar de forma mais ampla.

Os dias 2 e 3 de maio foram marcados por notícias sobre o agravamento da situação. Problemas pontuais no trânsito tornaram-se a norma, e alagamentos começaram a atingir Porto Alegre, especialmente as ilhas. No bairro, a busca por informações e a troca de mensagens entre moradores se intensificaram. Um fenômeno central nesse período foi o papel do WhatsApp, Instagram e YouTube, onde circulavam vídeos e relatos, inclusive de vizinhos e moradores mais antigos.

Junto com as notícias locais, espalhava-se uma enxurrada de informações falsas, muitas delas em áudios ou longas mensagens de WhatsApp. Essas mensagens misturavam fatos reais com distorções, o que aumentava sua credibilidade. Além disso, conhecendo algumas das pessoas que as repassavam, percebi que, na maioria dos casos, não havia uma intenção deliberada de desinformar, mas sim a tentativa de interpretar os acontecimentos em meio à incerteza e até medo.

Até o dia 4 de maio, muitos moradores ainda tinham acesso às áreas com infraestrutura contra cheias, e a luz e a internet funcionavam em boa parte do bairro. Com isso, era comum ver pessoas indo até os diques, casas de máquinas e áreas alagadas para tentar prever os impactos, entender falhas no sistema e discutir soluções. Alguns chegavam a oferecer explicações detalhadas sobre o funcionamento dos mecanismos de contenção. Essas interpretações, movidas pelo medo e pela necessidade de ver ações concretas, eram rapidamente compartilhadas em grupos.

Na minha memória, a piora drástica na situação veio com o rompimento do dique do Arroio Feijó. Menos de um dia antes de minha casa ser inundada, as notícias indicavam que o dique estava no limite. Decidi subir o máximo de bens para o segundo andar. Fui um dos poucos a fazer isso. A maioria dos moradores e conhecidos não acreditava que a água subiria tanto. Mesmo quando a enchente já invadia os quintais, muitos ainda esperavam que estabilizasse. Quando perceberam o avanço irreversível, tiveram de sair às pressas, levando apenas o essencial para salvar suas vidas.

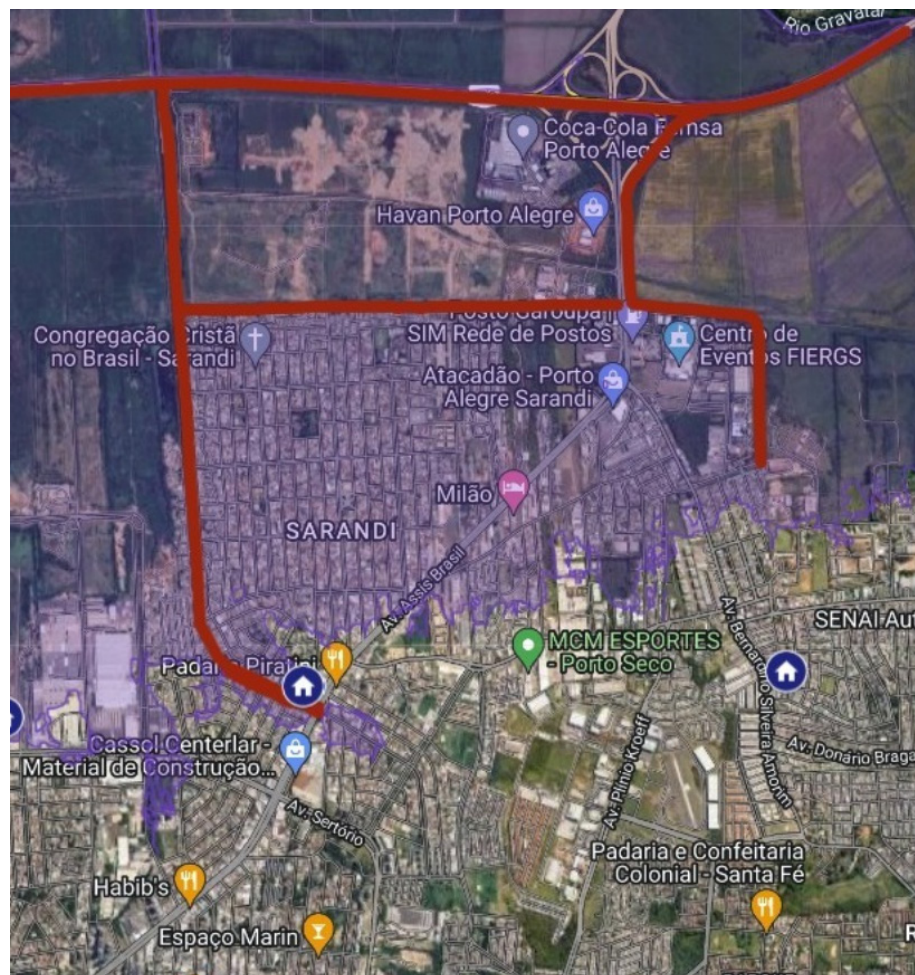
As informações sobre o limite do dique, seu extravasamento e supostos danos geraram um dos episódios mais confusos e marcantes da enchente. A prefeitura insistia que o dique não havia rompido, apenas extravasado, enquanto jornais publicavam versões conflitantes, algumas acompanhadas de fotos. O que me marcou foi o comentário de um professor na televisão, em um debate com autoridades municipais. Ele disse algo que soava como: 'Vamos ser responsáveis ao tratar desse tema. Não importa se rompeu ou extravasou, se isso continuar por dias, o efeito será o mesmo.'

Em 5 de maio, praticamente todo o bairro foi tomado pela água. O Arroio Feijó, de fato, transbordava. Na minha lembrança, o processo pareceu levar algumas horas. Boatos sobre o rompimento do dique circulavam desde antes, já no dia 4, muito antes de qualquer confirmação. O pânico tomou conta a partir das notícias falsas e se confirmou com a tomada do bairro pela água. Áudios alarmantes se espalhavam entre vizinhos, e vídeos mostravam pessoas correndo desesperadas, como se uma onda gigante estivesse prestes a engolir tudo.

Quando a imprensa confirmou a notícia, percebi que a situação

emergencial era inevitável também para mim. Fechamos tudo e saímos de casa algumas horas antes da água chegar. No último contato que tive com o bairro, a inundação já avançava pelo Sarandi e estava a apenas três quadras de distância. Busquei abrigo na casa de parentes junto a alguns familiares, enquanto outra parte da família seguiu para o centro de Porto Alegre.

Imagem 3 – Mapa dos diques e projeção de alagamento publicado em 05 de maio.



Fonte: Agora RS. Dique do Sarandi extravasa e moradores devem evacuar região. Agora RS, Porto Alegre, 05 mai. 2024.

A partir de 5 de maio, perdi o contato físico com o bairro, mas as notícias pela internet eram constantes. Foram cerca de dez dias até que a água comesçasse a recuar e o Sarandi emergisse novamente. Esse período ficou marcado na minha memória como o auge da enchente.

Um dos maiores problemas foi a falta de informações técnicas e atualizações em tempo real. Em um mundo onde guerras são transmitidas ao vivo, por que um alagamento não seria? Diante de uma tragédia dessa dimensão, a necessidade de acompanhar cada detalhe se torna intensa. Faltavam instrumentos que mostrassem o nível exato das águas, câmeras posicionadas para os moradores monitorarem a situação. Nada foi bem estruturado.

As notícias disponíveis vinham da imprensa, que divulgava dados fornecidos por órgãos públicos algumas vezes ao dia. No entanto, a atualização era lenta. O melhor canal para acompanhar os eventos em tempo real tornou-se o X (ex-Twitter), onde as informações apareciam primeiro e eram reproduzidas pela imprensa minutos ou horas depois. Além disso, os jornais online apresentavam outro problema: muitas matérias eram apenas atualizadas sem mudança de título, dificultando a compreensão de quem tentava se manter informado - o que estava escrito ali era do dia ou de três dias atrás?

O bairro Sarandi recebeu bastante atenção, sendo citado nominalmente nos principais jornais do país. Abaixo, há uma imagem da Avenida Assis Brasil em 5 de maio, a principal via de saída do bairro, facilmente localizável no mapa acima. Ela ilustra a enchente nas partes mais elevadas do Sarandi, onde a altitude chega a 10, 12 metros acima do nível do mar. Na parte mais ao norte, as áreas mais baixas estavam praticamente no mesmo nível do Guaíba. As regiões mais alagadas eram sobrevoadas frequentemente por helicópteros e exibidas nos noticiários, mas, nelas, só se viam barcos e algumas construções altas despontando sobre a água barrenta.

Imagem 4 – Avenida Assis Brasil em 05 de maio.

Fonte: Zero Hora. Informações desencontradas sobre dique do Arroio Feijó causam pânico em moradores da Zona Norte; orientação é deixar a região. Zero Hora, Porto Alegre, 05 mai. 2024a.

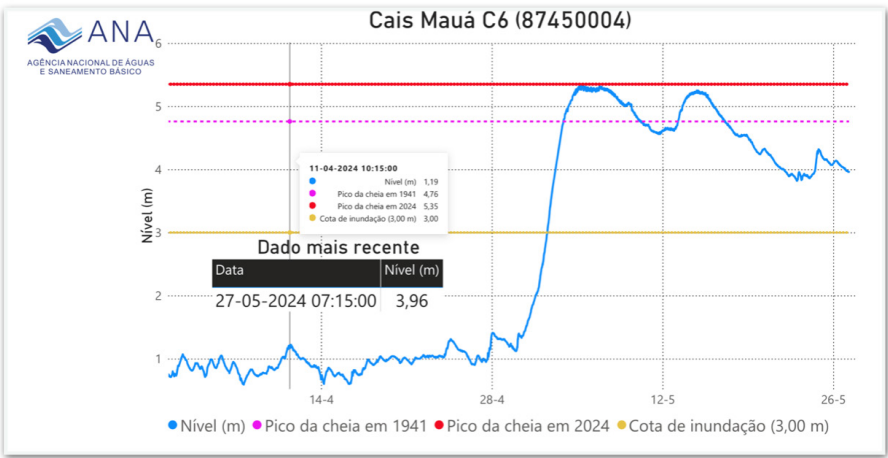
Um dos aspectos mais marcantes do auge da enchente foi a onda de solidariedade que veio de todo o Brasil. Ela se manifestou de diversas formas: doações de alimentos, produtos de limpeza, reforço das forças de segurança e outras ajudas essenciais. O Sarandi foi diretamente beneficiado por esse movimento, que, em meio à tragédia, trouxe algum alívio e se prolongou por meses, amparando os mais atingidos. A realidade da catástrofe parecia um pouco menos opressiva diante da quantidade de pessoas dispostas a ajudar, muitas vindas de longe apenas para isso. Conversas sobre a importância dessa assistência tornaram-se frequentes.

Outro elemento central desse período foi a disseminação da histeria, impulsionada principalmente por notícias falsas. Com o tempo, percebi que essas informações se espalhavam de maneira segmentada: havia rumores específicos entre idosos, jovens, grupos progressistas e conservadores. E cada grupo absorvia e replicava tipos diferentes de notícias. Algumas fake news tratavam da segurança pública, mencionando saques massivos, homens armados circulando livremente, policiais abandonando áreas perigosas, roubos cometidos por criminosos em barcos ou até relatos sobre frigoríficos escondendo cadáveres. Outras tinham viés político, com acusações de que as autoridades sabiam da tragédia iminente, teorias sobre a para-

lisação proposital de máquinas de contenção. Também havia boatos sobre corpos boiando desde a Serra em direção à cidade, sobre violência desenfreada dentro dos abrigos, doenças se alastrando. Em muitos desses casos, um algo de verdade existia, mas a escala dos relatos era frequentemente exagerada. Na maior parte do tempo, órgãos públicos e forças de segurança se apressavam em desmentir ou reduzir drasticamente a gravidade dos fatos narrados. Entretanto, uma nota oficial publicada horas depois tinha pouco impacto diante da força emocional dessas notícias.

No Sarandi, muitos moradores se recusaram a deixar suas casas. Permaneceram nos segundos andares de suas residências ou buscaram abrigo na casa de parentes próximos às áreas alagadas, ajudando no resgate de vítimas com barcos. Essa resistência ocorreu nos locais em que as partes superiores das casas se mantiveram relativamente seguras. Foi um momento exaustivo, no qual cada indivíduo reagiu de forma distinta. A falta de recursos se misturava a uma forte necessidade de agir. Para muitos, a resposta foi simplesmente ficar e ajudar. O que se destacou nesse cenário foi o alto grau de solidariedade com aqueles que optaram por permanecer. O auxílio surgia de todas as direções, e gestos diários de apoio se tornaram uma constante.

Imagem 5 – Nível do Guaíba do início ao final da enchente.



Fonte: Poder 360. Nível do Guaíba volta a ficar abaixo dos 4 metros. Poder 360, Porto Alegre, 27 mai. 2024.

As primeiras notícias sobre o recuo da água no Sarandi começaram a circular entre os dias 15 e 16 de maio. O processo foi lento, pois as casas de bomba enfrentavam problemas, e a geografia da cidade, combinada com

as contenções, criou barreiras que retardaram o escoamento (Zero Hora, 2024b). A ansiedade para retornar era generalizada. As pessoas queriam limpar suas casas, avaliar os estragos e verificar se haviam sido roubadas. Ao mesmo tempo, crescia a indignação com as decisões políticas tomadas durante a enchente e com as que ainda seriam adotadas. As reações variavam, mas duas predominavam: em muitos, uma tristeza profunda; em outros, uma determinação urgente de recomeçar o quanto antes.

Foi um período difícil. Conhecer as perdas, enfrentar limpezas que duraram muito mais do que a enchente em si. O Sarandi ainda possuía muitas casas de madeira, como a da minha infância, erguidas por imigrantes com técnicas trazidas da Europa. Muitas delas já eram antigas e agora, curvadas e apodrecidas, provavelmente não têm recuperação. Mesmo residências de alvenaria sofreram danos estruturais. Móveis e objetos molhados foram, em sua maioria, perdidos.

Nos primeiros dias de retorno, pilhas de entulho se acumulavam nas calçadas, algumas com mais de um metro de altura, estendendo-se por quarteirões inteiros. Pessoas a pé ou de carro passavam o tempo todo, observando os montes de destroços e recolhendo o que lhes interessava. Com o passar dos dias, caminhonetes e caminhões vazios também começaram a vasculhar o lixo à procura de itens de valor. Coleções de livros, discos e CDs, enfeites, mesas, cadeiras, gavetas, pequenos armários, guarda-roupas, tudo aquilo que um dia compôs lares era descartado nas ruas, molhado, retorcido, sujo de barro. Árvores caídas bloqueavam o caminho, algumas impedindo o tráfego, outras destruindo muros e atingindo casas. Nos jardins, o marrom escuro predominava: as plantas submersas estavam mortas ou agonizavam.

No lado de fora das casas, um traço marrom nas paredes marcava o ponto mais alto que a água havia alcançado. Quase um ano depois, essa linha ainda é visível em alguns lugares. Mais perto da Avenida Assis Brasil, onde a enchente foi menos severa, essa marca era mais baixa. Mas, conforme se avançava para o norte do bairro, a linha subia. Até desaparecer. Nessas áreas sem a linha, a água superou os telhados. Como tantas vezes acontece, as regiões mais pobres, situadas nas áreas mais baixas, foram as mais devastadas. O que restou ali foram pilhas de destroços, muitas contendo todos os pertences de famílias inteiras. Para alguns, não havia sequer uma casa para voltar.

Há incontáveis reflexões sobre o que aconteceu, mas uma frase dita por um vizinho me pareceu um diagnóstico e, ao mesmo tempo, um prognóstico. Ela reflete a resiliência de quem não quer abandonar o bairro, mas também o temor do futuro: 'A enchente acabou com 30% do Sarandi. Se vier

outra igual a essa, vai ser 80%.' A destruição foi imensa, mas ainda há quem acredite que pode ser superada, eis que ele afirmou que “apenas” 30% se perdeu. No entanto, o medo permanece: se isso acontecer de novo, quem ainda terá forças para ficar?

REFERÊNCIAS

- Agência Brasil. *Um mês de calamidade: a cronologia dos alertas da tragédia no RS*. Agência Brasil, Porto Alegre, 1 jun. 2024.
- Agora RS. *Dique do Sarandi extravasa e moradores devem evacuar região*. Agora RS, Porto Alegre, 05 mai. 2024. Disponível em: <<https://agorars.com/agora-no-tempo/dique-do-sarandi-extravasa-e-moradores-devem-evacuar-regiao/>>. Acesso em: 01 mar. 2025.
- ChatGPT. Disponível em: <<https://chatgpt.com/>>. Acesso em: 02 mar. 2025. Utilizado em melhorias textuais, correções e traduções, em uso conforme a “Guidance on the use of generative artificial intelligence for authors submitting to the journal” produzido pela Sage Journals.
- Poder 360. *Nível do Guaíba volta a ficar abaixo dos 4 metros*. Poder 360, Porto Alegre, 27 mai. 2024. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/brasil/nivel-do-guaiba-volta-a-ficar-abaixo-dos-4-metros/>>. Acesso em: 02 mar. 2025.
- Sul 21. *Leite diz que desastre climático atual é o pior da história do RS*. Sul 21, Porto Alegre, 01 mai. 2024.
- Topographic-Map. *Mapa topográfico Porto Alegre*. Disponível em: <<https://pt-br.topographic-map.com/map-nw9rr/Porto-Alegre/?center=-30.07548%2C-51.29482&zoom=13&base=5>>. Acesso em: 01 mar. 2025.
- Zero Hora. *Água recua no bairro Sarandi, mas dique segue extravasando*. Zero Hora, Porto Alegre, 16 mai. 2024b. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2024/05/agua-recua-no-bairro-sarandi-mas-dique-segue-extravasando-clw9evr810od501d6kga4p-3zs.html>>. Acesso em: 01 mar. 2025.
- Zero Hora. *Informações desencontradas sobre dique do Arroio Feijó causam pânico em moradores da Zona Norte; orientação é deixar a região*. Zero Hora, Porto Alegre, 05 mai. 2024a. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2024/05/informacoes-desencontradas-sobre-dique-do-arroio-feijo-causam-panico-em-moradores-da-zona-norte-orientacao-e-deixar-a-regiao-clvtx83k80036011wjqiyp321.html>>. Acesso em: 01 mar. 2025.